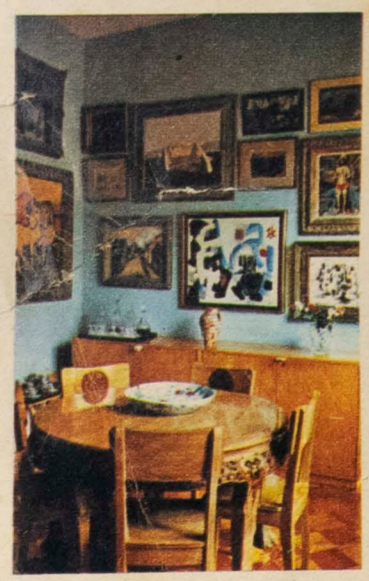


# Manchete

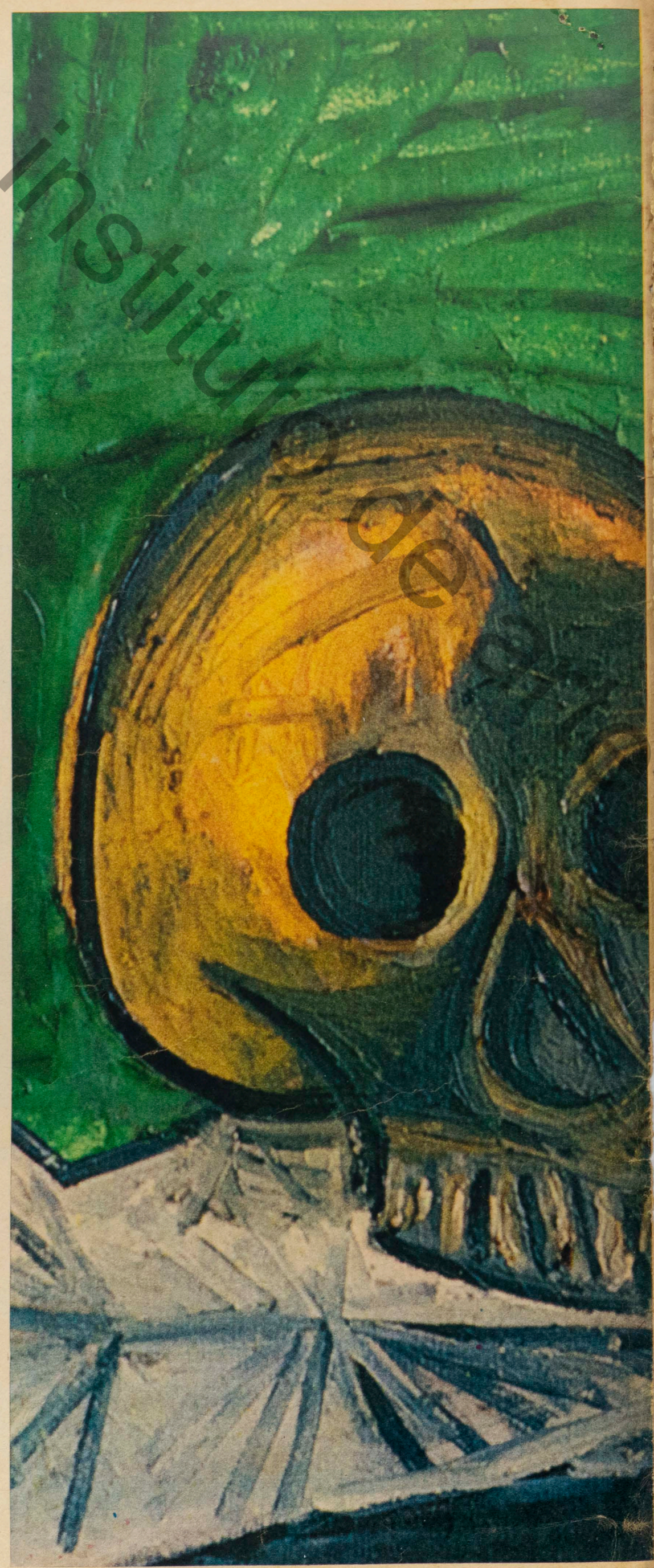
## HÁ UM LOUVRE NO RIO

Reportagem de Flávio de Aquino • Fotos de Domingos Cavalcanti

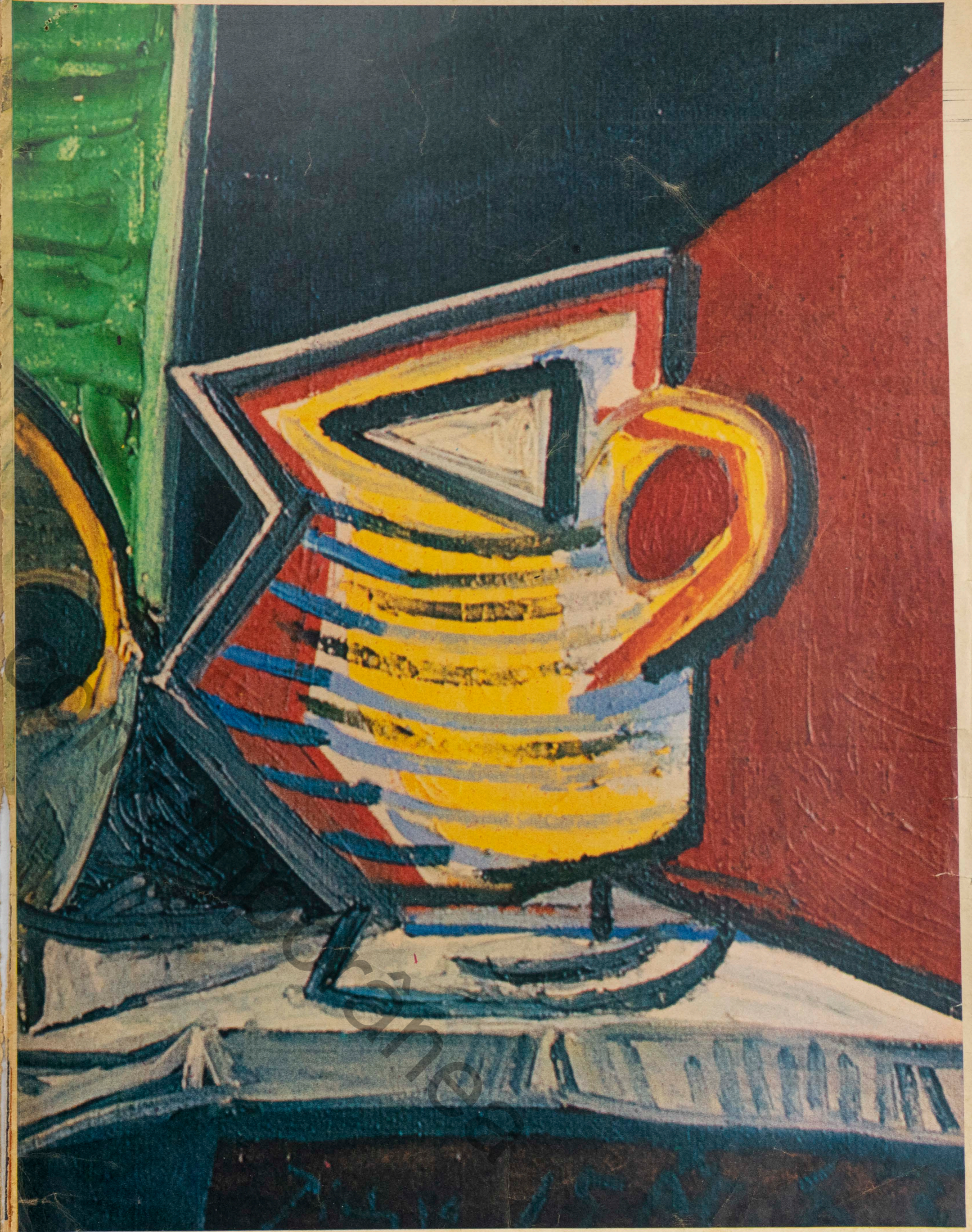
PODERIA PARECER IMPOSSÍVEL QUE ALGUÉM, NO BRASIL, PUDESSE SER DONO, SÓZINHO, DE UM TESOIRO TÃO FABULOSO: QUADROS DE PICASSO, CHAGALL, MIRÓ, KANDINSKY, LÉGER, VLAMINCK E OUTROS MESTRES; E, AINDA, CENTENAS DE DESENHOS e gravuras, tapêtes que pertenceram ao Palácio Imperial de Pequim, raras estatuetas orientais, inclusive uma reprodução antiqüíssima do dragão alado, símbolo da Indonésia. Tudo isso e muito mais enche quatro salas de um casarão das Laranjeiras e pertence a um só dono: o ex-Embaixador Josias Leão, diplomata de carreira, hoje aposentado. Partindo-se da premissa de que um só dos Chagall da fabulosa coleção alcançaria nas galerias de arte internacionais, o valor mínimo de 30 mil dólares, quanto valerá o conjunto de obras do tesouro artístico guardado na velha mansão das Laranjeiras? Dois, três bilhões de cruzeiros? A avaliação é simplesmente impossível, pois muitas peças não têm preço. Casado e sem filhos, e também sem parentes próximos, para quem deixará o Embaixador Josias Leão o rico acervo artístico que acumulou durante os anos em que serviu ao Itamarati nos mais diferentes lugares do mundo? Para o estado, talvez, que teria na coleção material mais do que o suficiente para com ele formar um novo museu. Uma coisa, no entanto, se sabe: enquanto o seu dono for vivo, nenhuma tela, nenhum desenho, nenhuma estatueta ou tapête, deixará aquelas salas, nas Laranjeiras, cujas janelas se abrem para o verde das montanhas de Cosme Velho.



Ao lado de uma coleção dos mais importantes pintores do século vinte, há objetos de arte de raro valor.



Pablo Picasso — Natureza Morta com Vaso e Caveira. Trata-se de um Picasso da fase



sombria do pós-guerra, o que se reconhece pelas cores soturnas, pouco comuns na pintura deste mestre que dominou inteiramente a primeira metade do nosso século.



Os Amadores, de Marc Chagall. O pintor jamais abandonou as reminiscências da sua infância de judeu-russo pobre, acrescentando-lhes um surrealismo amável. Este quadro é



**Ao lado dos mestres modernos figuram os artistas ingênuos, mensageiros do pitoresco da vida**

☒ Marc Chagall, que faz parte da coleção, é um dos artistas mais importantes da atualidade. A par da sua pintura, executou êle, nos últimos anos, enormes vitrais para uma nova sinagoga em Jerusalém, e revolucionou o conceito do mural ao decorar a cúpula da Ópera de Paris. Há dois meses, o novo Metropolitan Opera House, de Nova Iorque, foi inaugurado com seus mais recentes vitrais na fachada. Para que alguém possua, no ano 2000, um trabalho de algum artista de tanto peso quanto o Chagall de hoje, vale a lição do Embaixador Josias Leão: há 32 anos vem êle separando um terço de seus vencimentos para a compra de obras de arte



Palhaços, de Camille Bombois, artista que durante muito tempo trabalhou num circo. Maior parte de sua temática vem da antiga profissão.



Apolo Coroado Pelas Ninfas, mitologia e candura de André Bauchant.

um dos mais valiosos da coleção. Vale cerca de 30 mil dólares. Josias Leão o adquiriu por 2 mil.



Paisagem, de Kisling, artista que integra um grupo independente dentro da pintura moderna. Jamais aceitou as formas muito arrojadadas, preferindo o meio termo entre a tradição e a



Esta paisagem de Vlaminck dá a impressão de ser vista do interior de um veículo em alta velocidade. O artista, aliás, amava e praticava as corridas de automóveis.

**Às vezes, a sorte do colecionador vem de uma calamidade. Em tempo de guerra, os preços baixam**

▣ A primeira peça a integrar o acervo de Josias Leão foi um Lurçat adquirido em Nova York, em 1934, por 150 dólares. Já naquela época, o seu pensamento era adquirir obras de arte para organizar uma coleção e não simplesmente com fins decorativos. E a verdade é que lançar-se a essa tarefa exige sacrifícios e, às vezes, letras de banco. Foi o que ele assinou, por exemplo, em 1940, para comprar dois Portinari. Um colecionador também precisa contar com a chance. "Tive sorte", diz o embaixador, "de estar na Inglaterra durante o último conflito mundial, quando o valor normal dos quadros diminuiu em dois terços." Depois da guerra, Josias Leão se encontrava na França, onde pôde adquirir diversas telas, postas à venda por milionários arruinados, obrigados a se desfazerem de suas coleções. Naquela época formou-se mais da metade do seu acervo. Contudo, ao lado das sortes existem os azares. Em 1943, o embaixador estava a ponto de comprar o quadro *Retirantes*, de Portinari. Mas perdeu a corrida para Josué de Castro, outro especialista no assunto.

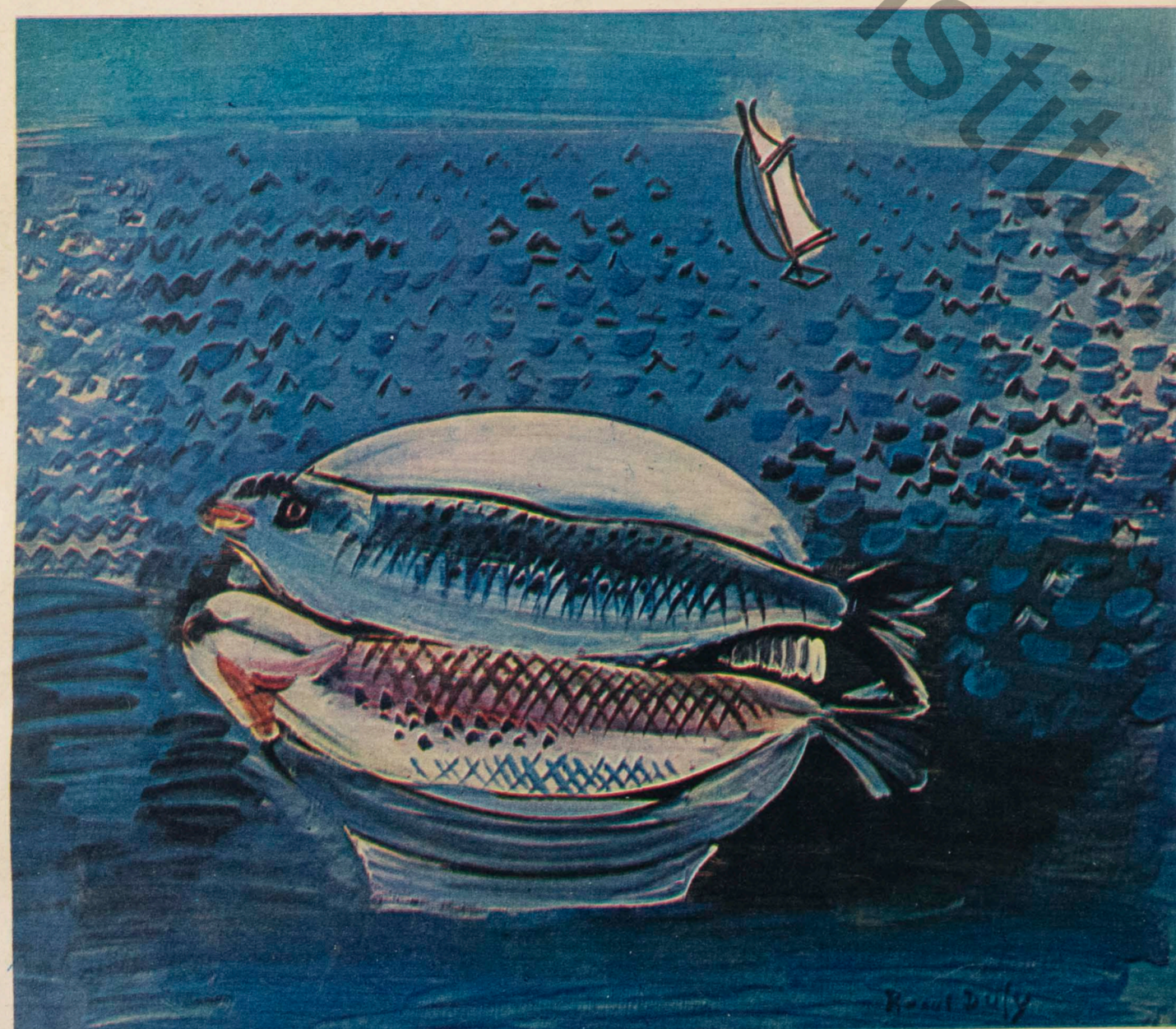


pesquisa. Natureza Morta, de André Masson, mestre do surrealismo e do abstracionismo.



Cesta com Flores, de André Lhote, um dos mais importantes artistas do cubismo.

Ter dinheiro é importante, mas não é tudo. O bom colecionador deve ser um perito com sensibilidade para descobrir o talento do grande artista ainda em início de carreira



Peixes e Mar, de Raoul Dufy, artista que no fim da vida retratou o aspecto amável e tranqüilo da vida na Côte d'Azur.

▣ O colecionador ideal, além de contar com razoáveis possibilidades financeiras, deve ser um expert que saiba comprar quando o bom artista ainda se encontra em início de carreira. Os vinte quadros de Portinari que hoje integram o acervo de Josias Leão foram obtidos dessa maneira. Ele tem telas adquiridas por ninharias, que hoje valem fortunas. O verdadeiro amante das obras de arte jamais vende uma de suas peças meramente com finalidade de lucro; só se desfaz dela para trocá-la por outra melhor, ou maior. Em 1946, Josias comprou um Picasso por 150 dólares. Permutou-o, quatro anos mais tarde, por outro quadro do mesmo artista, acrescentando 2 mil dólares. Era o Picasso escolhido pelo anuário norte-americano *Anual Art* como o melhor executado pelo mestre, no ano de 1952.



Natureza Morta, de F. Léger. Com ele surge a fria arte da máquina.



Ao lado: Abstração,



de Juan Miró, cujo surrealismo se inspira em sonhos infantis. Em cima: Retrato, de Schmidt-Rottluff, artista que representa o expressionismo alemão, dramático e colorido.



Composição, de Wassily Kandinsky. Este é um dos mais belos e valiosos trabalhos do renomado pai da pintura abstrata.

Um bom colecionador deve ser amigo dos donos de galerias, dos outros colecionadores e, sobretudo, dos artistas



Paisagem, Lurçat, Primeira compra de Josias.

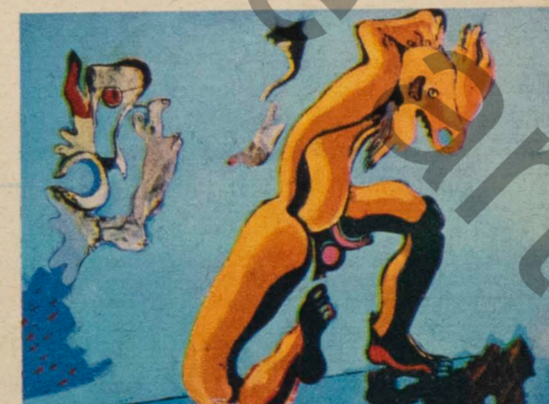
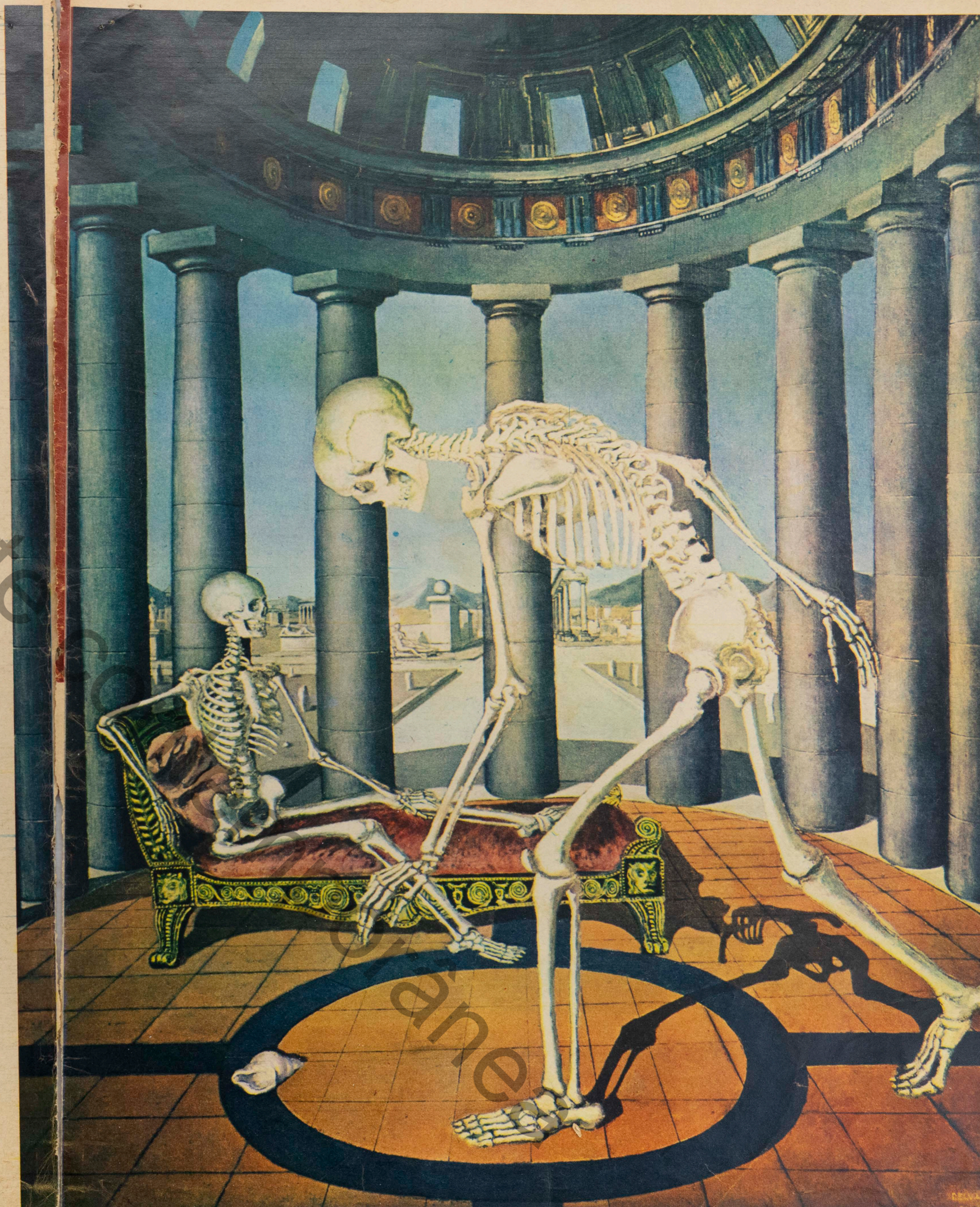


Figura Estranha, do surrealista Max Ernst.

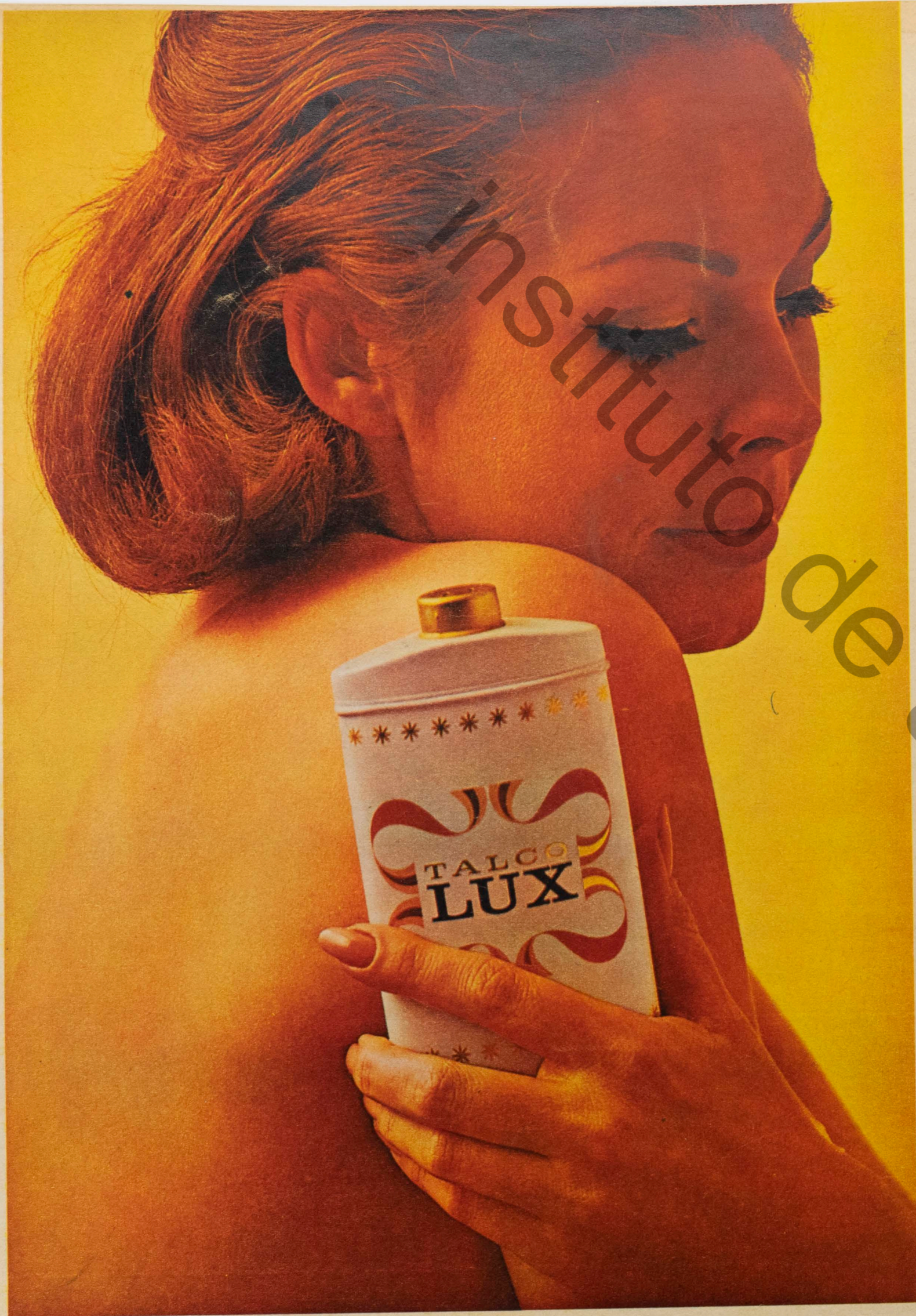
▣ Para formar um bom acervo de pintura é preciso, em princípio, ter boas relações com os *merchants des tableaux*, com outros colecionadores (que venham a concordar com eventuais permutas) e, sobretudo, com os artistas, pois estes exigem menos quando sabem que os seus quadros vão integrar uma coleção famosa. Lurçat, por exemplo, vendeu uma tela a Josias por preço bem inferior ao usual. Os colecionadores importantes defrontam-se com duas dificuldades básicas: como conservar o acervo e como exibi-lo ao maior número de pessoas. Seus maiores inimigos são a umidade, as quedas bruscas de temperaturas (que provocam rachaduras nas telas) e a falta de um local de fácil acesso ao público. Josias Leão tentou, diversas vezes, fazer uma fundação no Rio de Janeiro que zelasse pela sua coleção, tornando-a acessível a todos. Inútilmente. Agora, ele está em entendimentos com a Prefeitura de Brasília, que lhe prometeu dois andares na sede do Banco do Brasil, local não tão populado como o embaixador desejaria. Algo deveria ser feito para que sua coleção ficasse no Rio. São Paulo já possui seu excelente Museu de Arte, enquanto a Guanabara ainda é pobre em obras-primas.



Sonho, de Yves Tanguy. Como todo pintor surrealista, Tanguy prefere as paisagens de sonho e os horizontes infinitos.



Esqueletos, de Paul Delvaux. O grande pintor surrealista belga prefere combinar formas arquitetônicas do passado com estranhos seres que levam consigo a imagem da morte.



HÁ ALGUMA COISA DE ESPECIALMENTE FEMININO NO NOVO TALCO LUX, QUE O TORNA PERFEITO PARA MULHERES QUE FAZEM QUESTÃO DE FICAR REFRESCADAS, DISCRETAMENTE PERFUMADAS E TOTALMENTE FEMININAS.

Na realidade conseguimos criar um talco extremamente fino e com um perfume sutil e agradável.

linhas publicidade internacional

## O Embaixador Josias Leão pode contemplar, diariamente, nas paredes de sua casa, os dramas e as alegrias do século em que vivemos

Um renascimento artístico deu-se na segunda metade do século passado e ainda prossegue hoje. Desde a Renascença italiana jamais se viram tantos talentos surgirem ao mesmo tempo. Isso começou particularmente na França e a partir do que se convencionou chamar de arte moderna.

O primeiro passo foi dado pelo impressionismo, retrato amável de uma época alegre e descuidada a que os franceses chamaram de *belle époque*. Monet, Manet, Pissarro, Lautrec e outros, que em vida sofreram a incompreensão quase geral, só tiveram a acolhida de alguns colecionadores de faro que, por pouco custo, juntaram inestimáveis coleções, mais tarde doadas ao Louvre. Quase sempre as grandes coleções acabam em abrigos oficiais, talvez porque o colecionador,



Picabia: Cavalos. Eis uma obra diferente do pintor.

no seu íntimo, deseje também eternizar-se nos museus.

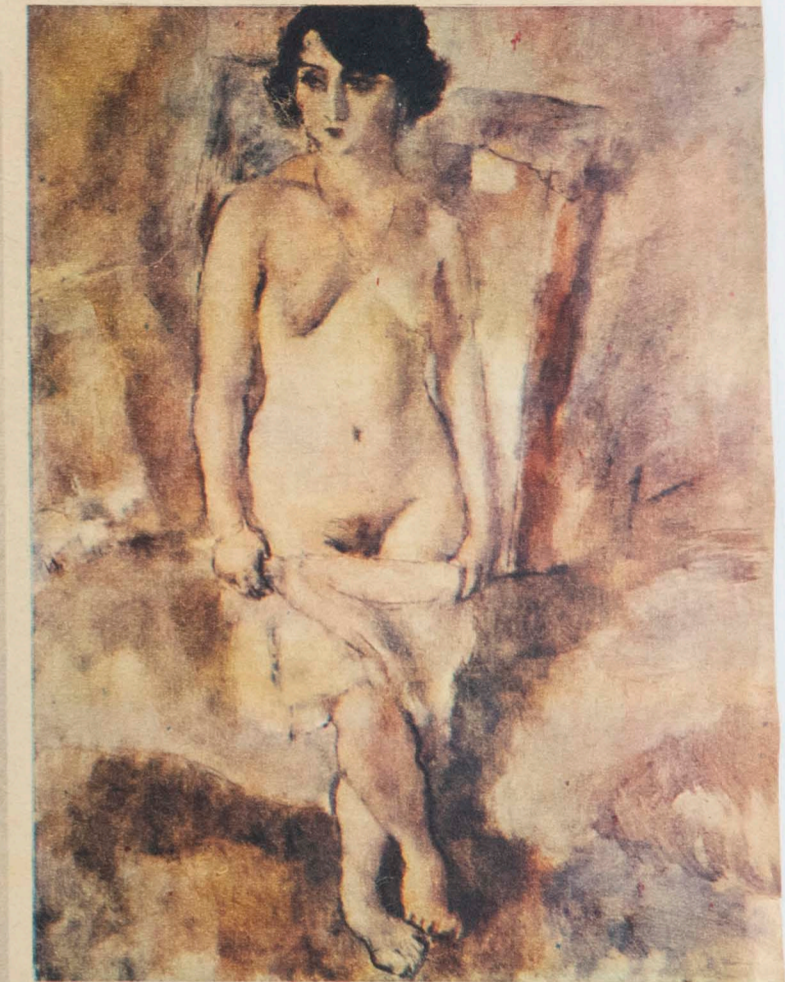
Os movimentos artísticos sucediam-se cada vez mais audaciosos, menos realistas. A partir de 1910 o cubismo domina o panorama artístico. Os cubistas desejavam uma pintura racionante, geometrizada, uma pintura que valesse mais pelos valores puros do que pelos temas. O chefe do grupo é Pablo Picasso (1881), espanhol troncuado e de olhar penetrante que participou de todas as aventuras da arte e da vida do seu tempo. Traz consigo a Espanha controversa e faustosa, anarquista e heróica. Em 1937 pintou a famosa *Guernica*, ápice da sua carreira, em que revela a tragédia da pequena cidade espanhola destruída por um bombardeio ale-

mão durante a guerra civil. Na França ocupada, um grupo de oficiais nazistas visita Picasso. Um deles, ao deparar-se com a *Guernica*, pergunta hostilmente: "Foi o senhor quem fez isso?" — "Não" — responde ele — "foram os senhores." Picasso representa na arte do século XX o que Einstein representa na ciência, Chaplin no cinema e Stravinsky na música: refletem o pensamento dos primeiros cinquenta anos deste século.

Picasso, Braque, Matisse, Modigliani, Dufy e muitos outros no início da sua carreira de pobres moravam no chamado Bateau-Lavoir, em Montmartre, estranha e sórdida cabeça-de-porco. Lá, em 1908, Picasso ofereceu um famoso jantar juntando os mestres do futuro para homenagear Henri Rousseau (*Le Douanier*) que anos depois iria figurar nos mais importantes museus do mundo. No fim do banquete o ingênuo Rousseau confiou a Picasso: "Em resumo, nós dois somos os maiores pintores do momento, eu no gênero moderno e você no gênero egípcio." A partir de 1914, os pintores do Bateau-Lavoir abandonam suas tocas por abrigos mais confortáveis.

Fernand Léger (1881-1955) foi companheiro de fome e de abundância de Picasso. Este encarava o lado passional da nossa época, Léger sua face mecânica, fria e brutal. Fixa em enormes telas a estética da máquina, a rudeza simples das formas nascidas das engrenagens. Juan Gris (1887-1927), madrilenho, foi o asceta frio e calculista do grupo. "Começo" — declarou ele — "por organizar meus quadros, depois é que escolho os objetos que neles irão figurar... Trabalho com os elementos do espírito; com a imaginação, tento concretizar o que é abstrato." André Lhote (1885-1962) foi, além de pintor, seu mais ilustre crítico e professor de várias gerações de artistas, inclusive de brasileiros, tendo ministrado no Rio, em 1953, um curso de pintura.

Paul Klee: Menina. Uma visão infantil do artista.



Pascin: Nu. O pintor do baixo-mundo parisiense.

Os impressionistas espelham o Paris do *beau vieux temps*, seus cafés-concertos, circo, festas populares. Os cubistas irão contribuir para a renovação dos cenários de dança através do famoso balé de Diaghilev, este empresário da arte contemporânea sob todas as suas formas e espécies, que integrou a nova música de Stravinsky, Prokofiev, Eric Satie e De Falla à pintura de Picasso, Derain, Léger, Matisse, Braque, Juan Gris, Max Ernst, Miró e Chirico.

Os artistas vindos do movimento *fauve*, espécie de paroxismo colorista, haviam aderido ao cubismo ou dirigiram-se para formas pessoais de expressão. Assim fizeram Dufy e Vlaminck.

Raoul Dufy (1877-1953) passou a mostrar o lado calmo e gentil da existência. Suas telas transparentes, leves como aquarelas, onde o azul predomina, revelam a alegria de viver no lugar em que o artista fixou residência: a Côte d'Azur. Quando o acusaram de preferir motivos tão otimistas em tempos tão pessimistas, respondeu: "O motivo para mim não é mais que um pretexto, uma hipótese."

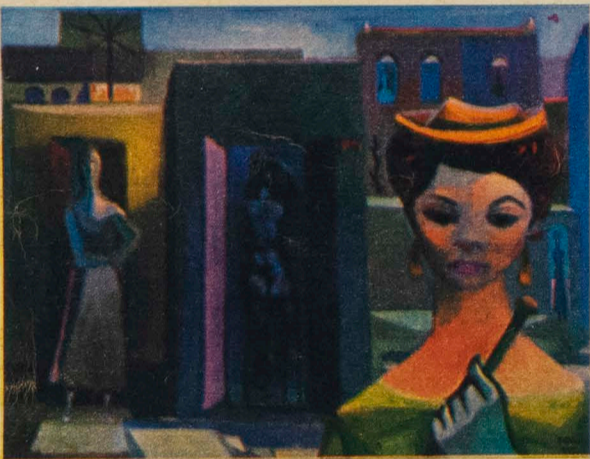
Maurice Vlaminck (1876-1958) tem o gosto plebeu: ama os prazeres domingueiros, as competições esportivas, os passeios de bicicleta ou de carro. Ele mesmo foi ciclista-corredor e apaixonado automobilista. Em suas telas tem-se como que uma visão da pai-

## A coleção do Embaixador Leão prova o que há muito tempo se diz: não existe glória artística internacional sem o devido referendo de Paris

sagem apresentada em alta velocidade, através do pára-brisa de um automóvel. Lamentava-se de não poder exprimir-se com mais vigor ainda, de não atingir o máximo de intensidade.

Por volta de 1924 nasce o surrealismo saído de um manifesto publicado pelo poeta André Breton. A libertação da mente das convenções sociais, a valorização do sonho e do inconsciente, pregada por Freud, participavam da sua formação. Picabia, Max Ernst, Dalí, Tanguy, Masson, Miró, Lurçat, Delvaux e outros poucos eram seus expoentes máximos. Proclamavam: "Queremos criar sem qualquer fiscalização exercida pela razão e fora de qualquer preocupação de ordem estética ou moral."

Em uma conferência realizada em Londres, Salvador Dalí apresentou-se ao público vestindo um escafandro, tendo na mão direita um taco de bilhar e empunhando na esquerda uma correia onde estavam presos dois cães policiais. Ao público atônito explicou: "É para mergulhar profundamente



Di Cavalcanti: Rua de Subúrbio. Pintor das mulatas.

na mente humana." Na realidade Dalí e seus colegas assim procediam porque visavam ainda outra finalidade: escandalizar o burguês. Das telas surrealistas de Dalí, Magritte, Yves Tanguy (1900-1955) e Paul Delvaux (1897) surge um estranho mundo de sonho onde objetos insólitos, esqueletos e imagens absurdas se encontram numa paisagem irreal.

Marc Chagall (1887), misto de sabedoria e candura infantil, jamais se esquece das visões da sua cidade natal no interior da Rússia, e da arte popular russa. Frequentemente casais de namorados pairam no ar como anjos.

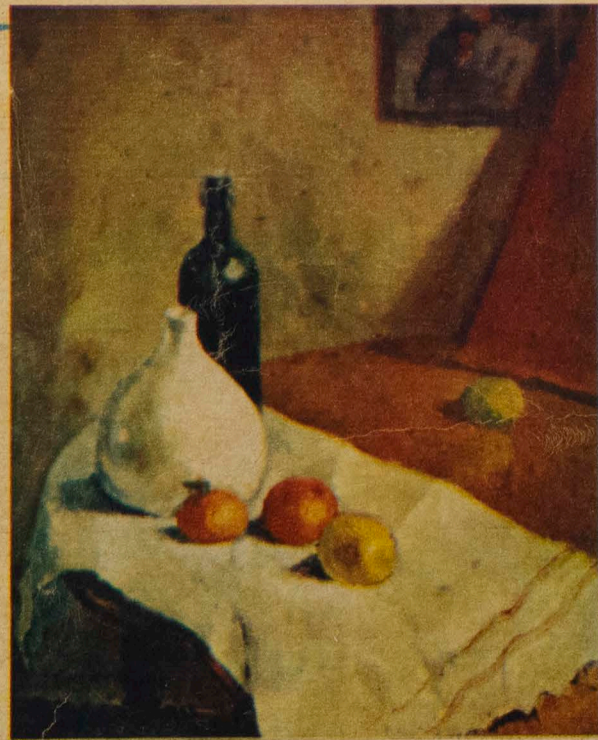
Na Alemanha um forte movimento renovador também acontece a partir de 1914, quando um grupo de artistas forma o movimento Die Brücke (A Ponte) seguido do Blaue Reiter (Cavaleiro Azul). O velho romantismo alemão passa então a denominar-se expressionismo. As cores violentas, as formas conturbadas, certa brutalidade dramática aparecem nas obras de um Alexei

von Jawlensky (1864-1941) e de um Schmidt-Rottluff (1884). Wladimir Kandinsky (1866-1944), um dos fundadores do segundo grupo, será mais tarde o iniciador do abstracionismo moderno. Subindo ao poder, Hitler tentará banir essa arte da Alemanha. Em 1939 promove em Munique uma exposição desses movimentos a que chama de "arte degenerada". Entretanto foi tal o sucesso da mostra, tal a afluência de público que o ditador fechou-a imediatamente.

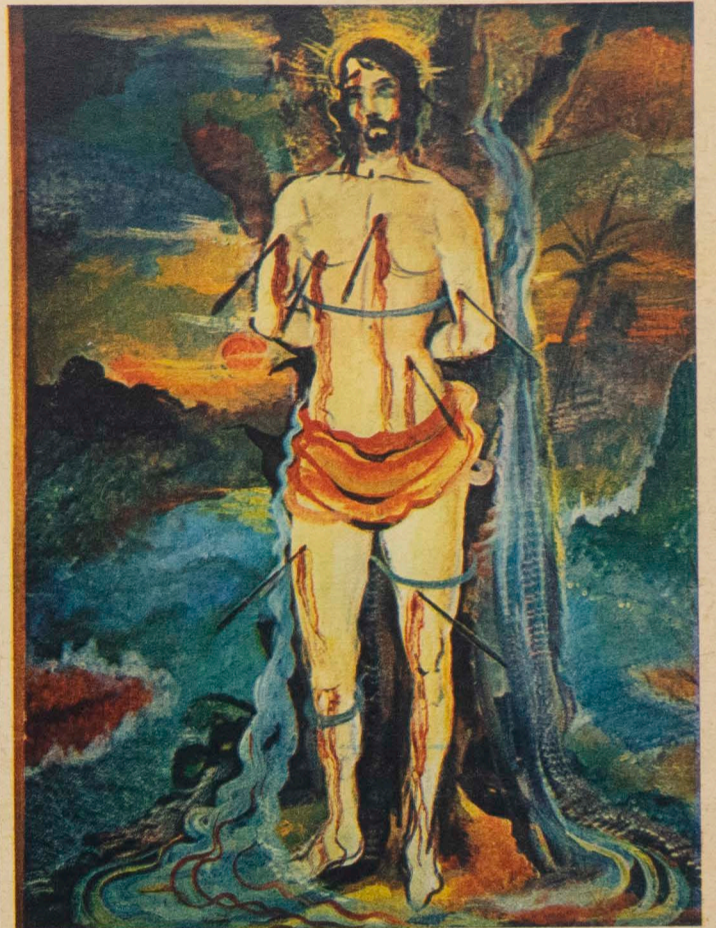
Ao lado dessa pintura erudita surge a arte dos primitivos modernos, dos que, apesar da idade, vêem o mundo com olhos de criança, restituindo-nos a visão cândida que perdemos.

André Bauchant (1873-1958) começa a pintar aos 45 anos e de saída revela-se um prodigioso contador de cenas bíblicas e mitológicas. Camille Bombois (1883), filho de marinheiro, homem de mil profissões humildes, durante vários anos trabalha no circo Minard Caros. Daí virão seus modelos preferidos: atletas, dançarinos, equilibristas, palhaços.

Há ainda os artistas que, desligados inteiramente das correntes em moda, vagam num mundo próprio, próximo à loucura ou ao devaneio. Muitos são amáveis e requintados, buscam influências no mundo da pré-história ou das crianças, como um Klee. O holandês-suíço Paul Klee, embora sua arte aparente certa ingenuidade, foi um dos mais importantes estudiosos da teoria da luz na pintura; sua ingenuidade, se apreciada mais de perto, converte-se em refinada lição de virtuosismo. Outros, como Pascin, preferiram humanizar os aspectos do baixo-mundo. Detém-se carinhosamente nos nus lascivos, que trata com um desenho sábio, envoltos numa atmosfera vaporosa, quase descolorida. A aparente calma do romeno Pascin escondia um drama jamais revelado. Como seu



Portinari: Natureza Morta. Esta tela data de 1932.



Guignard: São Sebastião. Um dos temas preferidos.

compatriota Soutine, alcançando o sucesso, suicidou-se aos trinta anos.

Grande parte da pintura dessa época reflete a angústia européia das décadas trinta e quarenta, principalmente o drama dos judeus que, na arte, eram representados por Chagall, Pascin, Soutine; na sua maioria de tendência expressionista.

Paris convertera-se na capital artística do mundo. Para lá convergiam e ainda convergem artistas de todas as partes em busca de ensinamentos, vivência e glória. Não há glória artística sem o referendo parisiense.

A troca de influências gerada pela mais universal miscigenação artística criava características comuns. Por isso inventou-se um nome, um tanto vago, para rotular todos esses artistas de tão variadas procedências: Escola de Paris. Nela foram incluídos, também, nossos grandes pintores: Portinari, Guignard, Di Cavalcanti, Bandeira etc. Cada um desses, ao mesmo tempo, refletia particularidades da nossa terra e do clima internacional que existia na França. Mesmo no exuberante mexicanismo de Orozco, Siqueiros e Rivera passou-se a ver influências da Escola de Paris.

Todos esses nomes citados formam um vasto panorama da arte e do pensamento do nosso século. Representam eles suas condições, seu caráter ao mesmo tempo nacional e internacional. Se alguém, como o Embaixador Josias Leão, pode diariamente contemplá-los nas paredes da sua casa, tem à sua frente os dramas e as alegrias do século vinte